



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul  
Campus Bento Gonçalves

---

## A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO DE CONFLITOS NO AMBIENTE ESCOLAR

Natália da Silva Friedrich<sup>1</sup>  
Henri Luiz Fuchs<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva relacionar conhecimentos teóricos da Comunicação Não Violenta (CNV) com a possibilidade de sua prática no ambiente escolar e nos espaços educativos. Também visa analisar se a CNV pode contribuir para aumentar a dialogicidade dos sujeitos participantes do meio educacional, e compreender as possíveis articulações nas práticas de ensino. Através de pesquisa sobre as diferentes manifestações da CNV na educação, estabelecendo um vínculo entre o levantamento bibliográfico e as práticas vividas em sala de aula, ela se apresenta como possibilidade de transformação de conflitos na escola. Objetiva-se igualmente, refletir sobre a contribuição da CNV na educação durante a pandemia de Covid-19. A metodologia de pesquisa qualitativa, baseada em entrevista semiestruturada, foi desenvolvida com docentes atuantes na área da educação que estão inseridos em contexto de escola pública de educação infantil. As experiências relatadas e os estudos realizados enfatizam a influência positiva da CNV no atendimento das necessidades dos alunos em relação ao ensino e ao convívio, bem como a importância da valorização dos sentimentos, através da comunicação e da busca pela transformação de conflitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação Não Violenta. Transformação de Conflitos. Dialogicidade. Educação. Convivência Escolar.

### 1 INTRODUÇÃO

A violência é uma construção social problemática presente no ambiente escolar atualmente, e a partir de metodologias com as quais se lida com os conflitos é possível produzir formas de convívio menos violentas. A motivação para a escolha do tema surgiu a partir da observação do modo que os sujeitos inseridos no ambiente escolar se comunicam, principalmente a comunicação dos docentes com os alunos, e, a partir disso, a maneira que realizam a mediação de conflitos. A CNV é um modo de comunicação que estimula o respeito, a empatia e o acolhimento, e pode ser uma alternativa para transformar conflitos na escola.

A presente pesquisa resultou da seguinte problemática: “A prática da Comunicação Não Violenta (CNV) pode aumentar a dialogicidade entre os sujeitos da escola e contribuir para uma educação democrática e menos violenta?”. Nota-se que a comunicabilidade influencia diretamente nas relações e podem impactar na aprendizagem e na criação de

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Pedagogia do IFRS Campus Bento Gonçalves. E-mail: [naataliafriedrich@gmail.com](mailto:naataliafriedrich@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor orientador. Docente do curso de Pedagogia do IFRS Campus Bento Gonçalves. E-mail: [henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br](mailto:henri.fuchs@bento.ifrs.edu.br).

vínculos. Os objetivos da pesquisa são: relacionar conhecimentos teóricos da Comunicação Não Violenta (CNV) com a possibilidade de sua prática no ambiente escolar e nos espaços educativos; analisar se prática da CNV pode aumentar a dialogicidade dos sujeitos participantes do meio educacional; compreender a CNV e suas possíveis articulações nas práticas de ensino, e refletir sobre a contribuição da CNV na educação durante a pandemia da Covid-19.

Para compreender como ocorre a mediação de conflitos em sala de aula, é necessário refletir sobre a trajetória da educação e seu histórico<sup>3</sup>, os carregam muito do autoritarismo, da negligência dos sentimentos e das necessidades que surgem através do convívio (respeito, empatia, acolhimento, etc.). Além disso, pode-se dizer que, a educação atual descende de um ensino tradicional, o qual visava ao aumento da mão de obra, uma necessidade do sistema capitalismo no qual o Brasil está inserido, e que não valoriza a educação crítica e integral.

De acordo com a perspectiva marxiana as sociedades se desenvolveram em meio à luta de classes, onde aqueles que detêm o poder econômico determinam os rumos da humanidade, isto ocorreu em todos os períodos históricos e se consolidou ainda mais com o advento do capitalismo. O novo modelo de produção necessitava de mão de obra para o trabalho nas fábricas e o instrumento utilizado para moldar a nova classe trabalhadora foi a criação de um sistema unificado de ensino com objetivo de preparar as massas para o trabalho nas fábricas. (ARAÚJO, 2015, p. 2).

O ensino tinha um objetivo claro: criação de mão de obra. Assim, constituiu-se a Educação Tradicional, que carregava consigo o autoritarismo e a imposição desse sistema. De acordo com Santos (2020, p. 99), “Por muito tempo vivemos em uma sociedade patriarcal, em que as relações eram baseadas em dominação: do povo pelo governante, da mulher pelo marido, da criança pelo adulto mais próximo”. Tais questões deixaram marcas em nossa sociedade, como a banalização de diversos modos de imposição, a exemplo das agressões verbais em ambiente escolar. Comportamentos de coerção podem ser notados desde a educação infantil, porém ressalta-se que as ações das crianças partem de uma construção social, ou seja, são ensinadas por adultos ou observadas e copiadas. A esse respeito, Gardardi (2019) pontua que

A violência é externa às crianças, um comportamento aprendido, que expressa padrões de sociabilidade e modelos de comportamento vigentes no cotidiano de cada criança. Portanto, este comportamento pode não ser aprendido por elas se não forem submetidas a estes padrões, ou se forem constantemente recordadas de que são padrões evitáveis de relacionamento humano – rompendo um ciclo vicioso e equivocado, a fim de que não permaneça se repetindo nas relações educacionais destes alunos por toda a sua vida. (GARDARDI, 2019, p. 248).

É importante que a escola seja pensada para ser um local de mediação e transformação dos conflitos, para que o ciclo da violência possa ser interrompido – de modo que os alunos

---

<sup>3</sup> No presente artigo, foi realizado apenas um pequeno recorte do histórico da Educação, mas considera-se toda a trajetória do ensino para refletir sobre a prática da CNV nas instituições educacionais.

repensem suas ações de forma crítica e pacificadora, em busca de um bem-estar comum no ambiente – e, também, para que o coletivo seja ferramenta de construção de conhecimento. Assim, os vínculos serão fortalecidos, o que possibilitará mais trocas de experiências e aprendizagens.

A fim de analisar-se como essa mediação ocorre em sala de aula, realizou-se uma pesquisa básica qualitativa através de entrevista semiestruturada gravada, com cinco professoras que atuam na educação infantil e na direção escolar, as quais foram questionadas a respeito de seu ponto de vista sobre a interferência da comunicação no cotidiano escolar.

## **2 A COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV)**

A CNV é constituída por habilidades de comunicação, de modo verbal ou não verbal (gestos ou imagens), que estimulam a empatia, a compaixão e a criação de vínculos humanos através das relações. O conceito “Comunicação Não Violenta” (CNV) foi criado pelo psicólogo especialista em psicologia social Marshall B Rosenberg, a partir de suas vivências da infância em Detroit nos Estados Unidos. De acordo com Pelizzoli (2019),

Ao entrar em contato diariamente com o preconceito e a violência, quando jovem, Marshall Rosenberg fez de sua experiência pessoal a inspiração para criar um modelo de comunicação que busca aproximar os indivíduos, gerando compreensão e abertura para o autoconhecimento e o reconhecimento do outro. De origem judia, Marshall foi criado na cidade de Detroit (EUA), onde havia vários enfrentamentos de caráter racial e onde ele descobriu que “um sobrenome pode ser tão perigoso quanto a cor da pele” (Rosenberg, 2000:14). Foi a partir do questionamento acerca do que leva um indivíduo a ser violento ou não com os outros que levou Rosenberg a dar início ao desenvolvimento da Comunicação Não-Violenta (CNV). (PELIZZOLI, 2019, p. 36).

É interessante relacionar esse modo de comunicação com a educação, pois Rosenberg também atuou como orientador educacional, ou seja, tinha contato direto com conflitos do âmbito escolar. A CNV atua como um modo de direcionar o conflito para uma possível transformação, segundo Rosenberg (2006), que também afirma:

Podemos então reconhecer o elemento de escolha em todas as nossas ações. Ao mostrar como nos concentrarmos naquilo que realmente desejamos, em vez de naquilo que há de errado com os outros ou com nós mesmos, a CNV nos dá as ferramentas e a compreensão de que precisamos para criar um estado mental mais pacífico. (ROSENBERG, 2006, p. 246).

A CNV apresenta quatro componentes característicos, conforme Rosenberg (2006):

1. Observação: Observar a situação de conflito, de modo a entender os motivos que

constituem a discordância, e apenas observar, sem julgar.

2. Sentimento: Após, deve-se investigar quais são os possíveis sentimentos que estão envolvidos no embate. Alguns exemplos de sentimentos que são resultados de necessidades não atendidas: confusão, constrangimento, frustração, irritação, preocupação, tristeza etc.
3. Necessidade: Momento de reconhecimento honesto das reais necessidades que não estão sendo atendidas. Alguns sentimentos que surgem quando as necessidades são expressadas e atendidas são os seguintes: alegria, alívio, confiança, estímulo, inspiração e otimismo.
4. Pedido: A conscientização dos componentes anteriores favorece a formulação de pedidos claros e objetivos, para que os conflitos possam ser transformados de forma positiva para todas as partes.

Essas etapas descrevem a base processual da CNV, mas ressalta-se que, por se tratar de um modo de comunicação, pode ser adaptado de acordo com as decorrências do cotidiano e realizado de maneira que seja significativo para o meio. Se ajustado, pode ser aplicado em diversas áreas da vida, como: instituições de diferentes ramos, organizações, negociações, relacionamentos pessoais e íntimos, visto que a CNV favorece o autoconhecimento e as interações com outras pessoas. Conforme Pelizzoli, (2019, p. 37), “Mais do que uma técnica, a CNV é uma potencialização da sabedoria das relações humanas, na qual barreiras linguísticas e psicológicas são derrubadas e onde se aprende a ouvir a falar “com o coração”. A CNV estimula o contato com nosso interior de forma compassiva e, também, a harmonia das relações humanas:

Mais do que qualquer outra coisa, a CNV é a tomada de consciência de nossas necessidades, nossa humanidade, nossa capacidade de conexão e nossa capacidade de comunicação, para além de qualquer linguagem rebuscada ou especulações gramaticais e lógicas. Igualmente, colhe sua força não de um constructo artificial utilitarista que vem sanar algo, mas sim das vontades prementes de entendimento, relação e superação de conflitos que habita em todo ser humano. (PELIZZOLI; SAYÃO, 2012, p. 17).

A CNV e a criação de uma cultura de paz remetem a boas alternativas para lidar com os conflitos no ambiente escolar, pois tratam respeitosamente das necessidades dos que aderem a tal modo de comunicação. Isso aumenta o autoconhecimento do discente, os quais, assim, criam uma boa relação consigo mesmo e com o próximo. Portanto, se realizadas desde a infância, tais práticas podem estimular o hábito de ter um olhar mais empático. Segundo Penido (2016),

[...] a “Cultura de Paz” busca ser propositiva na lida com o conflito e nas respostas às situações de violência, promovendo o diálogo, eventualmente o consenso, a comunicação não violência etc. Entendendo que o conflito – como diversos

especialistas da psicologia, pedagogia, sociologia, antropologia e do Direito vem propagando – é intrínseco à vida; e é a forma como respondemos a ele que os transformam em oportunidades de mudanças e aprendizado ou em episódios de violência. (PENIDO, 2016, p. 4).

A CNV pode ser vista como possibilidade de ser ferramenta<sup>4</sup> para a implementação de uma cultura de paz. O livro *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*, de Marshall B. Rosenberg, contém as habilidades de linguagem principais para a prática da CNV: observação de si e do outro, análise dos sentimentos envolvidos, percepção das necessidades de cada participante do conflito, e construção de pedidos para que sejam expressos de forma clara. Para Rosenberg (2006, p. 21), “A CNV se baseia em habilidades de linguagem e comunicação que fortalecem a capacidade de continuarmos humanos, mesmo em condições adversas”. Transformar conflitos requer análise da situação e autoconhecimento, para que ocorra a construção de novos conhecimentos através de ideias conflitantes.

Na prática da CNV, nota-se um potencial para transformar a comunicação dos sujeitos, seguindo ações básicas, como a compaixão. Já dizia Freire (2019, p. 21), “Cada um terá seus próprios caminhos de entrada nesse mundo comum, mas a convergência de intenções, que o significam, é a condição de possibilidade de divergência dos que, nele, se comunicam”. A conversação é um bom momento para a observação das falas e para praticar o autoconhecimento, pois é no diálogo que as necessidades podem ser notadas através dos sentimentos, e a partir dessa observação se tornarem pedidos verbais, os quais podem ser de acolhimento, compaixão e entendimento dos sujeitos que estão inseridos tanto no ambiente escolar como na vida pessoal.

O incentivo para uma convivência com diálogos não violentos pode ocorrer desde a infância, pois, quando uma criança é tratada com respeito, cuidado e compaixão, há possibilidade de entendimento de que essa é uma forma de lidar com a sua realidade também; é como fornecer uma opção que apresenta significado positivo. Conforme Rosenberg (2006, p. 211), “Quando minha consciência se concentra nos sentimentos e necessidades de outro ser humano, enxergo a universalidade de nossa experiência”. O diálogo e a empatia são, pois, fatores importantes para a prática da CNV.

## **2.1 A Comunicação Não Violenta (CNV) na transformação de conflitos no ambiente escolar**

Para a maior compreensão do uso da CNV, principalmente em ambiente escolar, é

---

<sup>4</sup> A CNV também pode ser caracterizada como metodologia, para além de apenas uma ferramenta.

necessário refletir sobre os conflitos que, por vezes, são confundidos com violência. A violência é tudo o que pode ferir o outro. Existem inúmeras formas de violência: física, verbal, psicológica, moral etc. Já o conflito é causado por oposição de ideias, e quando reconhecido, pode ser averiguado e observado, na condição de que possa ser utilizado de forma positiva, buscando-se, assim, a formação de novos aprendizados, bem como a troca de experiências e vivências:

O conflito pode ser destrutivo, é claro, mas também pode ser construtivo. É um meio para se chegar a um acordo, um pacto que satisfaça os respectivos direitos de cada adversário e, como tal, construa relacionamentos justos e equitativos entre indivíduos e dentro de uma mesma comunidade, ou entre comunidades distintas. O conflito é, portanto, componente estrutural de todo relacionamento com os outros e, assim, de toda vida social. (MILLER, 2006, p. 25).

Os conflitos são parte do nosso dia a dia. Para Lederach (2012, p. 17), “o conflito é algo normal nos relacionamentos, e o conflito é um motor de mudanças”. É possível reconhecer que a puerícia é carregada de conflitos e, ao mesmo tempo, de mudanças. Ademais, há diferença entre a discordância e a ofensa, pois, segundo Lederach (2012, p. 31), “ao invés de ver o conflito como ameaça, devemos entendê-lo como uma oportunidade para crescer e aumentar a compreensão sobre nós mesmos, os outros e a nossa estrutura social”. Caso a divergência leve à agressividade, Muller (2006, p. 36) pontua que “Agir com violência é ferir, fazer o mal, fazer alguém sofrer. Mas agir com violência também é causar sofrimento a si mesmo, negando a si mesmo um relacionamento de mútuo reconhecimento”. Ou seja, a discordância, se não for mediada positivamente em busca de renovação, tende a prejudicar os dois lados conflitantes.

Para que o desentendimento seja ferramenta de transformação, é necessário prestar atenção aos motivos que o criaram, assim como às possíveis resoluções e transições. A esse propósito, Lederach (2012, p. 28) defende que “A abordagem transformativa reconhece que o conflito é a dinâmica normal e contínua dos relacionamentos humanos. Além disso, o conflito traz consigo um potencial para mudanças construtivas”. Tais mudanças são contínuas e não apenas resoluções momentâneas.

É essencial considerar que cada sujeito participante do meio provém de uma família diferente e que cada ser humano é único, com hábitos, pensamentos e vivências diferentes. Conforme Pelizzoli (2019, p. 7): “Os conflitos revelam dimensões complexas e multidimensionais da realidade vivida pelas pessoas. Falamos de verdades ocultadas por trás das dinâmicas sociais, familiares, de trabalho e relacionamentos”. Logo, é pertinente que o docente esteja a par de possíveis conflitos devido às dinâmicas sociais de cada sujeito, a fim de conseguir reconhecê-las e nelas interferir de forma construtiva e respeitosa.

O ambiente escolar é naturalmente um local propício a conflitos, na medida em que, nesse meio, os alunos estão em desenvolvimento e aprendendo a expressar verbalmente tanto

as suas emoções quanto as suas necessidades, cada um a seu modo. Acerca disso, comenta Pelizzoli (2019, p. 11): “O modo como as pessoas agem/sentem, o modo como os ambientes bons ou ruins surgem, está ligado a como cada um, o grupo e a instituição as consideramos, como vemos as pessoas; nós ajudamos a construir o mundo principalmente de crianças e jovens”. Nessa perspectiva, é responsabilidade do adulto mediar as relações de cotidiano das crianças/alunos, claro que, é importante que as crianças hajam de forma espontânea já que cada ser humano é único, com sua personalidade, escolhas, atitudes, etc. Mas, considera-se essencial que as crianças/alunos sejam estimuladas a relacionar-se de modo respeitoso e com um olhar compreensivo, auxiliando seus pares a identificarem suas necessidades e expressá-las de forma clara aos seus colegas, para que haja a possibilidade de diminuição de frustração e sofrimento por questões não atendidas.

O uso da CNV como ferramenta de transformação de conflitos em sala de aula pode ser uma alternativa na mediação da discordância entre os alunos. Esse modo de comunicabilidade enfatiza o autoconhecimento e o olhar para dentro de si, iniciando com a análise da situação, investigando quais são os sentimentos e as necessidades, se esses fatores forem considerados no momento de dialogar sobre possíveis oposição de ideias, torna-se um modo compassivo de resolução que pode servir como combustível para que o conflito seja a metamorfose do aprendizado. Segundo Dunker (2019),

Escutar com qualidade é algo que se aprende. Depende de alguma técnica e exercício, mas também, e principalmente, de abertura e experimentação. É uma arte difícil de dominar porque seus efeitos visíveis acontecem no outro em tempo real e segundo as leis do imprevisto: o riso, a metamorfose do humor, a mudança de atitude com relação a si mesmo, ao mundo e aos outros. (DUNKER, 2019, p. 19).

Observar, escutar e manter diálogo com os outros sujeitos inseridos no contexto também pode ser válido. Para Muller (2006, p. 13), “[...] as crianças precisam aprender a não violência. Mas, para que isso aconteça, a própria educação deve se moldar pelos princípios, regras e métodos da não violência: não violência na pedagogia é o primeiro passo para ensinar a não violência”. Em outras palavras, considera-se as instituições de ensino locais adequados às ações que englobam a CNV.

É válido que a CNV seja desenvolvida mesmo com crianças bem pequenas, com o objetivo de compreenderem que a violência não é um caminho viável – pois é expressão de necessidades não atendidas – e que há diversas formas de lidar com as divergências. A esse propósito, Santos (2020, p. 26) ressalta que “É na infância que alicerçamos a construção da nossa ética pessoal, é nela que desenvolvemos os valores e crenças que podem nos guiar ao longo da vida. Cuidar da forma como educamos é cuidar do mundo que receberá esses seres mais conscientes de si”. Dessa maneira, zelar pelo bem-estar das crianças e dos adolescentes é

responsabilidade da família e, também, da escola, priorizando-se o respeito no decorrer dos anos letivos e através da criação de projetos de paz.

## **2.2 Pesquisa com docentes atuantes sobre a CNV**

O método escolhido para o desenvolvimento do estudo aqui descrito foi uma pesquisa básica e exploratória através de entrevistas. De acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20), a pesquisa básica “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”. Com o objetivo de conhecer as experiências e as práticas de docentes em sala de aula, foi utilizado o modo de pesquisa exploratório, que

visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso. (SILVA; MENEZES, 2005, p. 21).

A pesquisa ocorreu de forma qualitativa e semiestruturada, direcionada para a CNV no ambiente escolar, realizada com professores com conhecimento prévio sobre o tema e que atuam com essa perspectiva em suas práticas educativas na escola. Conforme Fraser e Gondim (2004),

Por meio da interação verbal de entrevistado e entrevistador, é possível apreender significados, valores e opiniões e compreender a realidade social com uma profundidade dificilmente alcançada por outras técnicas, como questionários e entrevistas estruturadas. Isto porque, no caso das entrevistas qualitativas, a relação estabelecida entre o entrevistador e o entrevistado permite um diálogo amplo e aberto favorecendo não apenas o acesso às opiniões e às percepções dos entrevistados a respeito de um tema, como também a compreensão das motivações e dos valores que dão suporte à visão particular da pessoa em relação às questões propostas. (FRASER; GONDIM, 2004).

A pesquisa social desempenha um papel importante, pois, se realizada de forma qualitativa, leva em consideração as vivências dos sujeitos entrevistados. Desse modo, tais experiências podem ser analisadas em conjunto com o material bibliográfico já reunido acerca da temática. A pesquisa pode, então, contribuir com novos estudos sobre temas sociais, com a possibilidade de reflexão sobre melhorias para o cenário atual.

A educação está em constantes transformações, e a pesquisa qualitativa pode contribuir com novas perspectivas, através da observação e análise das respostas dos docentes entrevistados de acordo com seu contexto escolar, cotidiano e experiências de cada um, são

dados que podem propiciar novas pesquisas sobre temas atuais, e também para melhor adaptação da formação docente com a realidade. Esse modo de pesquisa é mais específico, pois valoriza a qualidade da informação, e requer entrevistados que tenham vivências no tema. A esse respeito, Silva e Menezes (2005) caracterizam a pesquisa qualitativa como aquela que

considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

O uso da pesquisa científica é essencial para a revisão e a reflexão dos modos de ensino, buscando melhorar as práticas educativas e adaptá-las de acordo com a realidade atual. Os processos educativos devem priorizar a evolução da educação, para que os discentes possam ampliar seus conhecimentos e colocá-los em prática, aumentando suas vivências através de métodos de estímulo ao respeito e à compaixão.

Em outubro do ano de 2021, foi realizada uma entrevista semiestruturada gravada com cinco docentes que atuantes, a fim de analisarem-se possibilidades de CNV na prática e conhecer-se tanto a relação quanto a visão de cada docente sobre a comunicação nesse meio. Foram cinco docentes entrevistadas, as quais serão mencionadas como Docente 1, Docente 2, Docente 3, Docente 4 e Docente 5. Quatro delas lecionam na educação infantil e uma atua na gestão de uma escola de educação infantil, todas no âmbito da Rede Municipal de Educação do município de Bento Gonçalves. Algumas docentes solicitaram as perguntas das entrevistas antecipadamente, para que pudessem preparar as suas respostas, enquanto outras responderam a entrevista e conheceram as perguntas no momento da gravação.

A Docente 1<sup>5</sup> tem magistério e formação em Pedagogia, três anos de experiência como professora na educação infantil e quatorze anos de experiência como auxiliar de educação infantil. Já a Docente 2 também é formada em Pedagogia, além de pós-graduada em Supervisão Escolar, Psicopedagogia Clínica e Institucional e Ludopedagogia, atuando há nove anos na área da educação. A Docente 3, por sua vez, tem formação em Pedagogia, com especialização em Orientação Educacional, atuando há dez anos como docente de educação infantil e há três anos como orientadora. A Docente 4 igualmente tem formação em Pedagogia e especialização em Orientação Educacional, atuando há 22 anos na educação, com experiência em educação

---

<sup>5</sup> Como já esclarecido, as identidades das docentes entrevistadas foram preservadas, sendo elas aqui nomeadas como Docente 1, Docente 2, Docente 3, Docente 4 e Docente 5. Todas as participantes assinaram um termo de consentimento concordando com o uso de suas respostas neste artigo. Os dados estão disponíveis para consulta pelo e-mail: [naataliafriedrich@gmail.com](mailto:naataliafriedrich@gmail.com).

infantil e anos iniciais. Por fim, a Docente 5 tem formação em Matemática e Física, com pós-graduação em EJA, além de ter experiências como bibliotecária, educadora infantil e diretora escolar, em um total de 20 anos de dedicação à área da educação.

### **2.3 A CNV pelo olhar de docentes atuantes**

Quando as docentes foram questionadas sobre a influência da CNV no aumento da dialogicidade, na democratização e na diminuição da violência em sala de aula, responderam o seguinte: “[...] isso tem que ser trabalhado na sociedade, e não só na escola porque pode ocorrer dentro da família. E claro, na escola também, mas acho que tem que ser na comunidade em geral, seria muito bom pra escola se toda escola, toda educação, conseguisse aplicar a CNV” (Docente 1). A docente relata sua perspectiva sobre a CNV e sua vontade que ela seja ampliada para toda a sociedade, já outra professora relata algumas ações especificamente práticas, que podem ser melhoradas, tornando o cotidiano menos violento: “[...] a comunicação não violenta pode ser aprendida, a maneira como conversam, opinam, se comunicam e se orientam podem influenciar para um resultado não violento” (Docente 2). O aprendizado sobre a CNV pode ser construído através da observação das práticas do dia a dia e transformado em estímulo para um ambiente compassivo.

As Docentes 3, 4 e 5 discorrem sobre o quão relevante seria a CNV estar presente no ensino desde a infância: “[...] acredito que quanto mais cedo conseguimos introduzir esse tipo de comunicação entre os alunos menos conflitos serão gerados” (Docente 3). Essa maneira de comunicar-se pode fortalecer vínculos: “Sim, porque se as crianças forem instruídas desde cedo a uma conexão mais humana, fazer ela entender o sentimento do outro, o seu próprio sentimento, vai fortalecer os laços de compaixão e com certeza vai mudar muito suas atitudes verbais” (Docente 4). A docente 5 afirma que: “[...] tem que ser um trabalho bem conduzido né, inclusive acredito que até com os pequenos seja possível sim, e que faria diferença sim, pra resolver muitas questões”. Considera-se interessante que a CNV estivesse presente no currículo da formação acadêmica das licenciaturas, para que haja maior atenção ao modo de comunicação utilizado, para que o trabalho docente possa ser bem conduzido e significativo.

As professoras discorreram sobre a compreensão da CNV como essencial às práticas de ensino no âmbito escolar: “[...] a comunicação não violenta é essencial para o progresso do aluno” (Docente 1). As entrevistas enfatizam melhorias e, também, citam o gerenciamento das divergências: “Conflitos entre colegas acontecem diariamente, na minha vivência, saber gerenciar a comunicação não violenta entre os mesmos é fundamental para que desde pequenos consigam ouvir o outro, resolver seus conflitos de forma harmoniosa, empática” (Docente 2).

Considera-se válido o exercício de colocar-se no lugar do outro, além de valorizar-se a compaixão nas relações. Afinal, conforme Holanda (2020),

O bem-estar psicológico só é possível quando uma pessoa se sente pertencente, com autoestima elevada, com uma identidade fortalecida e saudável e com suas capacidades intelectuais, físicas, emocionais e sociais resolvidas, somente então, nós, seres humanos, somos cidadãos interdependentes. Quer queiramos ou não, nosso destino está interligado. (HOLANDA, 2020, p. 195).

Houve, igualmente, relato sobre a necessidade da prática da CNV no ambiente escolar: “Na verdade, a experiência se dá a cada dia na vivência dos alunos; é preciso praticar para não ficar só na teoria. O aluno é estimulado a olhar para dentro de si e ver o que está acontecendo, observar-se e entender-se, para entender o próximo também” (Docente 4). Na sequência, a professora exemplifica situações simples que podem ocorrer devido a desentendimentos: “Muitas vezes, surgem os conflitos e julgamentos pela incapacidade de entender e perceber que o próximo só é diferente e não há nada de errado nisso; é necessário avaliar os conflitos para que o sentimento de compaixão brote, sendo transformador na vida de cada um” (Docente 4). Assim, o respeito é um fator valoroso, que se faz presente na prática da CNV e que pode ressignificar os convívios.

Durante a entrevista, as atuantes da área da Educação foram indagadas sobre a possibilidade de a CNV ser uma ferramenta de transformação para os conflitos de sala de aula: “Sim, pois a comunicação não violenta fortalece os laços e dá continuidade aos bons relacionamentos” (Docente 2); ressalta-se a importância dos vínculos e sua manutenção no ambiente escolar. A Docente 3, ao falar sobre a mediação da CNV, complementa: “Acredito que sim, principalmente se nós, adultos, conseguirmos gerenciar a comunicação não violenta entre os alunos” (Docente 3); nota-se que a professora se preocupa com o gerenciamento das relações através da mediação. A Docente 4, por sua vez, aborda ações resultantes da prática da CNV no ambiente escolar, onde pode notar-se a importância do diálogo e seu poder de comutação das relações.

[...] a comunicação não violenta, ela incentiva o aluno a ouvir mais, fazer comparações, explicitar o que está sentindo de forma mais aberta e verdadeira, falando das suas necessidades e dizendo o que gostaria que acontecesse para resolver os conflitos gerados, não só os de sala de aula, mas também os da sua vivência com familiares. (Docente 4)

As participantes da pesquisa exemplificaram diferentes manifestações da CNV na prática educativa: “Tratar os alunos com mais respeito, empatia, não ser um professor autoritário escutar o que o outro tem a dizer, não só os alunos, mas os colegas, os funcionários, a maneira de falar com as crianças e os colegas também observar as nossas atitudes” (Docente 2); o modo de comunicar-se pode promover melhores relações em diversas áreas e com diversas

pessoas do nosso dia a dia.

Já para a gestora entrevistada, “[...] círculos restaurativos, que também induzem as pessoas a conversar e falar, esclarecerem sentimentos, [...] para, na verdade, com objetivo de resolver conflitos entre pessoas ou até na vida pessoal” (Docente 5).

Uma prática que complementa a CNV é constituída pelos chamados círculos de paz, os quais podem ter resultados positivos na resolução de desentendimentos em grupo, pois reúnem os sujeitos do meio para dialogar sobre possíveis melhorias. Sobre tal aplicação, Holanda (2020) assim se manifesta:

Círculos de Construção de Paz são uma forma de reunir pessoas, de modo que todos sejam respeitados e todos tenham igual oportunidade de falar sem serem interrompidos. Ninguém é mais importante que ninguém, aspectos emocionais e espirituais da experiência individual são acolhidos. Os círculos são úteis quando duas ou mais pessoas precisam tomar decisões conjuntas, discordam, têm visões diferentes, precisam tratar de uma experiência que resultou em danos para alguém ou querem trabalhar em conjunto. É uma metodologia que possibilita a vivência dos pressupostos essenciais do ser humano, por meio da escuta qualificada, do fazer dialógico entre as pessoas, em que os sentimentos e necessidades fazem tocar a compaixão que existe em cada indivíduo. (HOLANDA, 2020, p. 215).

Com o objetivo de analisar-se o vínculo que as docentes estabelecem entre a teoria da CNV e as suas práticas em sala de aula, questionou-se as entrevistas sobre possíveis vivências com o tema. Uma docente relatou uma experiência que viveu com seu filho:

[...] ele foi ter aula com uma outra professora, e essa outra professora ela já trabalhava comunicação não violenta, então, onde o meu filho tirava 0 numa prova, num teste ele passou tirar 10, e tudo com a CNV, ela conversava, ela conseguia se colocar no lugar do aluno, ver onde estava o problema. (Docente 1).

Nota-se que o modo como a comunicação é usada pode ajudar a alcançar resultados desejados, não só na área da Educação, mas em todos os âmbitos da vida. Nesse relato, nota-se, ainda, a relevância da criação de vínculos de confiança e parceria entre professor-aluno.

Sobre a relação de ações do cotidiano com seus os estudos teóricos da CNV, a Docente 4 respondeu que:

Há alguns anos, no curso de Orientação Escolar, foi apresentado o conceito de “comunicação não violenta”, idealizado pelo psicólogo Marshall Rosenberg e eu pessoalmente gostei muito de tudo que foi estudado. [...] o conceito traz a importância de ouvir com muita cautela, saber ouvir e saber usar as melhores palavras para ter um diálogo ideal com as pessoas no geral, se colocar no lugar do outro, respeitar os outros e o seus próprios sentimentos, sem causar dor ou mágoa em si e nem os outros. (Docente 4).

Observa-se a citação de práticas necessárias, que podem estabelecer melhores relações e vínculos mais saudáveis, afetivos e significativos. Nos relatos das docentes, fica evidente que a CNV pode ser considerada uma ferramenta de transformação de conflitos, pois é um modo de

comunicação que ajuda na observação do conflito e dos sentimentos que nele estão envolvidos – e todo sentimento traz consigo uma necessidade. O que diferencia sentimentos positivos de sentimentos negativos é o fato de a necessidade pessoal estar sendo considerada ou ignorada, por si mesmo ou pelos outros sujeitos participantes do meio. Uma possível solução para conflitos é o diálogo, por meio do qual os docentes podem atuar de forma transformadora, mediando o relato das necessidades, dos sentimentos e das sugestões de soluções. Como atestado nas falas das docentes entrevistadas, um ambiente com transformação de conflitos e empatia pode propiciar melhorias no progresso escolar dos alunos.

### **2.3.1 O uso da CNV no ensino remoto durante a pandemia da COVID-19**

A partir do mês de março do ano de 2020, as aulas presenciais de todos os níveis da educação foram paralisadas com o objetivo de diminuir-se a transmissão da Covid-19<sup>6</sup>. Após alguns meses de paralisação, as aulas retornaram em modo remoto, o que causou a necessidade de uma transformação no modo de ensinar.

Para que o ensino remoto pudesse ser efetivo, surgiram inúmeras questões, como: ambiente de estudos apropriado, acesso à internet, disponibilidade de algum adulto responsável para auxiliar e a preocupação dos docentes com a clareza do modo de comunicar, a fim de se evitarem desentendimentos e de se levar em consideração a necessidade de maior colaboração da família na mediação das atividades remotas.

A partir da entrevista realizada com docentes atuantes na pandemia de Covid-19, é possível entender como foi a adaptação da comunicação utilizada nesse momento. Com o objetivo de refletir sobre a contribuição da CNV à educação em contexto pandêmico, questionou-se as docentes se, nesse contexto, consideram importante atentarem ao modo de comunicação utilizado no ensino remoto: “[...] foi tudo muito novo, então tem que ter mais atenção, mais jeito nessa comunicação, ter mais paciência, tem que conseguir enxergar o outro, acho muito importante” (Docente 1). A partir dessa fala, pode-se constatar a preocupação da professora no que diz respeito às adaptações ao ensino remoto, de modo que ocorram com um olhar humano para os alunos, nesse momento de transformação.

Pode-se notar a relação que a Docente 2 e a Docente 3 estabelecem entre a CNV e o sentimento de empatia, a partir de suas respostas quando questionadas sobre o uso desse modo de comunicação durante o ensino remoto: “Sim, mas não só no momento remoto, mas para

---

<sup>6</sup>A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O vírus pode ser transmitido durante um aperto de mão (seguido do toque nos olhos, nariz ou boca), por meio da tosse, espirro e gotículas respiratórias contendo o vírus (BRASIL, 2021).

qualquer momento da vida, a gente deve ser mais empáticos” (Docente 2). As professoras também destacam a importância de colocar-se no lugar do próximo: “Acho que principalmente nesse momento, em que fomos obrigados a estar afastados fisicamente, a empatia foi fundamental para nos mantermos próximos de alguma forma” (Docente 3). A empatia foi relacionada diversas vezes durante as entrevistas, e considera-se uma ação muito importante para a manutenção do bem-estar de todos, e também nesse momento de pandemia, a Docente 4 relata: “Eu senti nesse período os alunos mais distantes e perdidos, sendo necessário um olhar muito atento do professor para o que está acontecendo individualmente com cada um” (Docente 4); o ensino remoto pode ter afetado o vínculo professor-aluno, além de acreditar que “É diferente conversar com alunos cara a cara do que é on-line. Quando estamos no presencial, o aluno se sente mais à vontade, protegido e confortável para falar determinados assuntos” (Docente 4). A comunicação na educação de modo presencial facilita a criação de vínculos, se comparada ao ensino remoto, no qual se deve atentar ao modo como as falas são escritas, para que cheguem de forma clara ao receptor.

De acordo com suas experiências e com uma visão mais direcionada à gestão escolar, a Docente 5 observa que: “o mundo atual está nos cobrando também esse tipo de comunicação, que a gente tenha que usar, fazer uso dele também, mas assim, as relações pessoais contam muito, bem mais do que essa questão do ensino remoto, mas eu acho que deve ser utilizado sim” (Docente 5). Constata-se que uso da CNV tanto no ensino presencial como no ensino remoto pode ser importante, pois valoriza as relações pessoais nos locais de ensino.

Nota-se que as professoras trouxeram à entrevista a preocupação por uma comunicação adequada não só nas práticas educativas durante a pandemia de Covid-19, mas também no cotidiano da educação presencial, valorizando a empatia, que é o colocar-se no lugar do outro, sem julgamentos – ações que são presentes no mecanismo e na conduta da CNV.

### **2.3.2 A relação da CNV com a empatia**

Pode-se considerar alguns fatores importantes para a prática da CNV, como: a empatia e a compaixão. O “ser empático” com o próximo foi um conceito frequente durante as entrevistas e, de fato, é algo imprescindível para as relações humanas. Através do tempo, o ser humano criou relações entre seus pares através também da comunicação, para a própria sobrevivência humana, e através disso, vínculos com ações de empatia, a ato de colocar-se no lugar do próximo.

Para além da empatia, há outro conceito que pode ser trabalhoso, porém eficaz para a manutenção de um ambiente de paz: trata-se da compaixão. Ser compassivo é estabelecer ações

de cuidado e afeto com o próximo, além de preocupar-se e dedicar-se para, se possível, tornar mais harmoniosa a vida do outro. Existem atos compassivos que podem ocorrer de forma não empática, a exemplo da caridade. Afinal, pode-se doar algo a alguém como uma forma de ato compassivo, mas sem se conectar com essa pessoa de forma empática, sem considerar suas reais necessidades e sentimentos.

Para a prática da CNV, considera-se essencial atentar-se ao modo de direcionamento ao próximo, de maneira que seja um conjunto de empatia e compaixão, para que seja possível estabelecer vínculos e conexões empáticas:

Nossa capacidade de oferecer empatia pode nos permitir continuar vulneráveis, desarmar situações de violência em potencial, ajudar a ouvir a palavra não sem tomá-la como rejeição, reviver uma conversa sem vida, e até a escutar os sentimentos e necessidades expressos através do silêncio. (ROSENBERG, 2006, p. 177).

O modo de comunicação pode interferir diretamente nas relações, de acordo com Rosenberg (2006, p. 21 e 22): “Nossa comunicação em vez de serem reações repetitivas e automáticas, tornam-se conscientes e baseadas na consciência do que estamos percebendo, sentindo e necessitando. Somos levados a nos expressar com clareza, respeito e empatia”. Em suma, a conscientização das falas e das ações, bem como a junção de compaixão e empatia, tem potencial construtivo nas relações humanas.

### **2.3.3 Reflexão sobre a CNV e a formação docente**

Através das entrevistas, foi possível observar que a CNV é, por vezes, vista apenas como uma formação continuada na área da Educação, como um complemento a ser posto em prática no cotidiano. Um fato interessante é que nenhuma das docentes relatou ter conhecido a CNV em sua formação inicial, apesar de considerarem esse modo de comunicação importante no ambiente escolar. Pode-se refletir sobre a implementação da CNV durante a formação acadêmica, para que os futuros docentes aprendam mais que dar aulas, mas também estudem sobre a comunicação, para que ela aconteça de forma efetiva, afim de que o conhecimento transmitido seja significativo para cada aluno.

Em 1984, Marshall B. Rosenberg fundou o Centro para a Comunicação Não Violenta (CNVC), o qual realiza formações sobre a CNV através de seminários e estudos sobre a temática, com instrutores certificados. A reflexão que fica é: e se o compartilhamento desse conhecimento pudesse ser implantado desde a formação docente inicial? A partir desse questionamento, existe a possibilidade de que a manutenção da formação docente, de forma que priorize uma Educação humana e compassiva, forme profissionais mais preparados para

lidarem com situações conflitantes no cotidiano escolar.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Educação vem passando por transformações nas últimas décadas, transformações nas quais se notam novas necessidades e um novo olhar para os participantes do meio escolar. O modo de educação tradicional se faz insuficiente e cruel atualmente. Apesar de o desmonte da educação e da desvalorização docente serem fatores marcantes para a manutenção do sistema capitalista vigente, os docentes contam com um poder grandioso, a saber: a conscientização através do pensamento crítico e metodologias transformadoras dos conflitos.

Conhecer-se a si próprio e o ambiente em que se vive pode ser o primeiro passo para grandes transformações. Deve-se prezar sempre por uma educação humana, que explore os diferentes potenciais de cada discente e que, de forma respeitosa, estimule tanto o autoconhecimento quanto o respeito ao próximo. A comunicação é parte fundamental desse processo, pois é por meio dos pedidos claros e da valorização das necessidades que se constroem as conexões empáticas e os vínculos.

Nessa direção, CNV pode contribuir para a construção de um ambiente escolar compassivo e colaborativo. Isso porque, através de competências de linguagem, tal ferramenta busca enxergar as reais necessidades de cada sujeito, procurando transformar possíveis conflitos decorrentes do cotidiano. Os vínculos são importantes para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, e a CNV pode auxiliar nessa construção, através do estímulo da compaixão e da empatia entre os participantes do meio escolar, bem como através da observação das necessidades e dos sentimentos do próximo, além do autoconhecimento que propicia.

Durante as entrevistas, todas as docentes mostraram-se favoráveis ao uso da CNV, relatando uma visão positiva desse modo de comunicar-se em ambiente escolar, além de a julgarem como essencial e de fácil prática no cotidiano. As entrevistadas contaram algumas de suas experiências, ressaltando a influência positiva da CNV para o aprendizado, devido à valorização das necessidades e à consideração dos sentimentos das partes conflitantes, o que torna a Educação mais democrática e humana.

As professoras sublinham a importância da empatia em sala de aula e o fato de que o momento atual requer esse modo de comunicação. Ademais, as docentes enfatizam que é possível praticar a CNV até mesmo com crianças bem pequenas, argumentando que, se elas forem instruídas a criarem conexões humanas, poderão se tornar adultos mais empáticos. A Docente 1 relatou uma experiência que vivenciou com seu filho, por meio da qual exemplifica como a CNV pode contribuir para melhoras na aprendizagem, pois através do olhar compassivo

da professora nova, as necessidades de seu filho foram atendidas e o ensino pôde ser adaptado, de forma que pôde ser estabelecido um vínculo professor-aluno, melhorando-se, assim, o ensino-aprendizagem. Isso evidencia a importância de atentar-se ao modo de comunicação utilizado no ambiente escolar, na medida em que tal modo pode influenciar diretamente o ensino.

Nota-se que a pandemia de Covid-19 resultou, do ponto de vista educacional, em um afastamento nas relações professor-aluno. A esse respeito, as professoras discorreram sobre a importância de se ter cuidado com o modo de comunicar-se, considerando-se as condições adversas do momento em que houve a necessidade da adaptação do ensino, de forma remota, para a preservação da saúde dos estudantes e da equipe escolar.

Considera-se que a CNV é um modo de comunicação importante e compassivo, que favorece o bem-estar através do acolhimento, além de desempenhar uma função de extrema importância. Tal função consiste em transformar os conflitos em trocas de experiências, buscando-se a conscientização e a reflexão acerca da situação, além de maior aprendizado por meio do autoconhecimento e das vivências do cotidiano. Estimular a empatia entre os alunos pode favorecer a criação de laços e vínculos, o que produz efeitos diretamente na aprendizagem significativa do coletivo. Um ambiente que favorece o acolhimento é mais propício à troca de experiências e à reflexão. Dialogar sobre sentimentos e necessidades é, pois, essencial para um bom convívio escolar, favorecendo a transformação dos conflitos em novos aprendizados.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Catarina Ananias De. **A educação como instrumento de dominação das massas: uma análise a partir do pensamento de Karl Marx.** Anais II CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus.** Brasil: 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus>. Acesso em: 17 dez. 2021.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa.** Bahia: Paidéia, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GAIDARGI, Alessandra Maria Martins. **Educação infantil dialógica e não violenta.** São Paulo: Dialogia, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n33.13602>. Acesso em: 17 dez. 2021.

HOLANDA, Cristiane Carvalho. 2020. 281f. **O desenvolvimento das Competências**

**Socioemocionais na Educação Biocêntrica, na Aprendizagem Cooperativa e nos Círculos de Construção de Paz a partir de uma narrativa autobiográfica.** Orientador: Luiz Botelho Albuquerque. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

LEDERACH, John Paul. **Transformação de conflitos.** São Paulo: Palas Athena, 2012.

LEITE, Lucas Romero. Restaurar para proteger: a justiça restaurativa na aplicação de medidas específicas de proteção a crianças e adolescentes. In: **II Fórum de Métodos Consensuais de Soluções de Conflitos e Direitos Humanos** - UniSecal. Paraná, 2019.

MEDEIROS, Josineide G. P.; NETO, Nirson M. S. **Da Cultura da Violência ao Movimento da Justiça Restaurativa: Notas Introdutórias.** In: Curso Fundamentos Para Implementação Da Justiça Restaurativa Nos Tribunais, Conselho Nacional De Justiça (CNJ), 2020.

MULLER, Jean-Marie. **Não violência na educação.** São Paulo: Palas Athena, 2006.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. **Comunicação Não-violenta (CNV):** como escuta-diálogo e transformação de conflitos. Universidade do Ser. EDR-UFPE, 2019.

\_\_\_\_\_ (Org.). **Cultura de paz** – restauração e direitos. Recife: Ed. da UFPE, 2010.

\_\_\_\_\_; SAYÃO, Sandro Cozza. (Orgs). **Diálogo, Mediação e Justiça Restaurativa.** Recife: Ed. da UFPE, 2012.

PENIDO, Egberto A. Cultura de paz e justiça restaurativa: uma jornada de alma. In: PELIZZOLI, Marcelo Luiz. (Org.). **Justiça Restaurativa:** caminhos da pacificação social. São Paulo, 2016.

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta:** técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

SANTOS, Elisama. **Educação não-violenta:** como estimular autoestima, autonomia, autodisciplina e resiliência em você e nas crianças. 10.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SILVA Edna L.; MENEZES, Estera M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4.ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

VELOSO, Bianca Ribeiro; BARBOSA, Marizélia. (Orgs.). **Ações socioeducativas:** saúde integral dos adolescentes em medida socioeducativa e justiça restaurativa. Rio de Janeiro: Degase, 2019.